

RECADO DE PARIS

PARIS, Junho — Recebo em Paris uma boa lição de português... falado. Na roda de amigos, em um café de Montparnasse, estão dois escritores portugueses: Castro Soromenho, que há pouco andou pelo Brasil, e Ferreira de Castro. É a segunda vez que encontro o autor de "A Selva" — certamente o escritor de nossa língua mais conhecido no mundo. Vai publicar agora um novo romance; a coisa se passa em Madri, ao tempo do governo Azana e ainda que não se trate de um romance político, retrata um republicano, antigo anarquista, que se torna reacionário.

A conversa de Ferreira de Castro é um prazer lento e cordial, que tem esse gosto de cigarro de palha feito devagar, depois de uma caminhada na chuva e de um café bem quente. Esse homem deixou sua aldeia ainda menino para "ir crescer" em um seringal do Alto Amazonas, e depois viajou praticamente o mundo inteiro, tem uma conversa simples e sem espanto. Mas agora, como da primeira vez que o vi, em Lisboa, acho engraçada sua maneira de me tratar. Falando comigo, ele usa a terceira pessoa assim: "O Rubem Braga não quer um café? O Rubem Braga já viu essa peça?" Tenho vontade de responder — "vou perguntar a ele" — porque esse tratamento parece-me dividir irremediavelmente em dois: uma pessoa a quem se fala, a minha pessoa, e outra de quem se fala, o Rubem Braga — uma pessoa incômoda e invisível, vagamente colocada a meu lado, e que sou eu ao mesmo tempo não. No Brasil também tratamos alguém assim: "o senhor fulano" ou "o dr. Beltrano" — mas essa terceira pessoa, a que nos habituamos, não dá esse curioso efeito. É diferente.

Sim, é diferente — confirma Ferreira de Castro. E esclarece que quando me chama "o Rubem Braga" fica no meio termo entre "o senhor" e "você". Embora "você" em Portugal, como no Rio Grande do Sul, não seja um tratamento de intimidade (a intimidade é o "tu"; "você" funciona mais ou menos como o "vous" francês; aliás em Lisboa o "vossa excelência" é muito mais usado que no Brasil, onde praticamente só se aplica a um sujeito de casaca) ele não acharia delicado, nesses primeiros encontros, me chamar de "você"; e "o senhor" seria demasiado distante e frio. Daí a fórmula, que serve para a gente se livrar da perplexidade diante de alguém que não chega a ser "o senhor" mas não é apenas "você".

Lembro outra fórmula, talvez um pouco mais cordial, que deve ser uma nuance entre o nome e o "você": "o meu amigo". Assim me trata o excelente Souza Pinto, editor d'aquém e d'além mar. A pronúncia, de resto, é, praticamente, "o mo amigo".

São, tudo isso, coisas que podem parecer chinezices a um inglês que tem no "you" um pau para toda obra. Mas há uma delicada ternura nessa hierarquia sutil que, discriminando tão minuciosamente as pessoas, parece afastar os homens. Nela às vezes, como nas escadas rolantes, a gente pode subir descendo ou descer subindo. No fim da conversa, Ferreira de Castro me deu a mão, e saltamos dois degraus: ficamos no "você", que é um bom lugar.

23.6.50

R. B.